

Estudo de caso | Dossiê História Oral: experiências, trajetórias e percursos de pesquisa

Tempos e movimentos no ensino de história: evocando experiências e sensibilidades de professores no museu

Lucinei Pereira da Silva

Doutorando em Ciência da Informação pela Universidade Federal de Minas Gerais   

Palavras-chave:

museus
históricos de
cidade;
experiências de
professores;
ensino de história

Resumo. Caminhar pelos cenários expositivos do museu é um espaço aberto para que os professores falem sobre suas concepções, ideias e narrrem suas experiências históricas e de vida. Nesse pensar, o objetivo deste artigo é refletir sobre as experiências e sensibilidades dos professores de História durante uma caminhada pelo acervo do Museu da Cidade Governador Valadares (MCGV) e no Museu Histórico Abílio Barreto (MHAB) em Belo Horizonte/Minas Gerais. Quanto ao percurso metodológico, decidimos pela abordagem qualitativa e adotamos, como método de investigação, a *entrevista caminhante*, durante a qual íamos visitando os cenários expositivos e fazíamos perguntas utilizando um roteiro semiestruturado, provocando o docente sobre quais os objetos em exposição têm relação com suas experiências históricas vividas. Esta pesquisa evidenciou que os objetos em exposição em ambas as instituições foram promotoras de sensibilidades e terreno fértil para se pensar outros tempos, além de outras possibilidades de movimentos para o Ensino de História.

Keywords:

city historical
museums;
teaching
experiences;
teaching history.

[EN] Times and movements in history teaching: evoking experiences and sensibilities of teachers in the museum

Abstract. Walking through the museum's exhibition settings is an open space for teachers to talk about their conceptions, ideas and narrate their historical and life experiences. The objective of this article is to reflect on the experiences and sensibilities of History teachers during a walk through the collection of the Governador Valadares City Museum (MCGV) and the Abílio Barreto Historical Museum (MHAB) in Belo Horizonte, Minas Gerais, Brazil. As for the methodological approach, we decided on a qualitative approach and adopted the *walking interview* as our research method, during which we visited the exhibition settings and asked questions using a semi-structured script, provoking the teacher about which objects on display are related to their historical lived experiences. This research showed that the objects on display in both institutions were promoters of sensibilities and fertile ground for thinking about other times, other perspectives and new movements for History Teaching.

Palabras clave

museos históricos
de la ciudad;
experiencias
docentes;
enseñanza
de historia.

[ES] Tiempos y movimientos en la enseñanza de historia: evocando experiencias y sensibilidades de docentes en el museo

Resumen. Caminar por los escenarios expositivos del museo es un espacio abierto para que los docentes hablen de sus ideas, percepciones y narrén sus experiencias históricas y de vida. Teniendo esto en cuenta, el objetivo de este artículo es reflexionar sobre las vivencias y sensibilidades de profesores de Historia durante un paseo por las colecciones del Museo Municipal Gobernador Valadares (MCGV) y del Museo Histórico Abílio Barreto (MHAB) en Belo Horizonte en el estado de Minas Gerais. En cuanto a la ruta metodológica, optamos por un enfoque cualitativo y adoptamos como método de investigación la *entrevista caminante*, durante la cual visitamos los escenarios de la exposición y formulamos preguntas utilizando un guión semiestructurado, provocando al profesor sobre qué objetos expuestos están relacionados con sus experiencias de vida. Esta investigación demostró que los objetos expuestos en ambas instituciones fueron promotores de sensibilidades y terreno fértil para pensar otros tiempos, otras perspectivas y nuevos movimientos en la enseñanza de la asignatura de Historia.

“É o tempo de travessia”¹: Introdução

A questão central que move esta investigação é refletir sobre as experiências e sensibilidades dos professores de História durante uma caminhada pelo acervo do Museu da Cidade Governador Valadares (MCGV) e no Museu Histórico Abílio Barreto (MHAB), em Belo Horizonte/Minas Gerais. Nessa “travessia museal”, será possível compreender as reminiscências dos docentes, que se dispuseram a caminhar, e nesse processo se deixaram afetar por emoções e sensibilidades. Acreditamos, pois, que o museu pode ser considerado um ambiente de partilha com o diverso, de experiência, de sofrer ou sentir prazer, alegrar-se; constitui-se, também, como um lugar que estimula a capacidade de imaginar.

Na pesquisa de doutorado em andamento no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), temos investigado os deslocamentos e os percursos estabelecidos por professores de História dentro de exposições nessas instituições. Vale ressaltar, ainda, que a escolha por esses museus em contraste por sua trajetória, localização

¹ Do poema “É o tempo de Travessia” (Pessoa, 2011).

e porte justifica-se, sobretudo, por permitir comparar diferentes perspectivas sobre a construção do conhecimento histórico. Quanto ao caminho metodológico, decidimos pela abordagem qualitativa e adotamos, como método de investigação, a *entrevista caminhante*, durante a qual íamos visitando os cenários expositivos e fazíamos perguntas utilizando de um roteiro semiestruturado, provocando o docente sobre as possibilidades para o exercício de sua prática naqueles espaços e quais os objetos em exposição tem relação com suas experiências históricas vividas. Segundo Braga (2018, p. 260) a entrevista caminhante pode ser capaz de provocar “[...] os sujeitos na narrativa de suas memórias em interação com as estratégias que usam para ensinar História, por meio do uso pedagógico dos museus”.

O método da entrevista caminhante foi importante na medida em que, ao caminhar pelos cenários expositivos do museu, foi possível promover uma experiência de sensibilidades junto aos professores de História. Tanto no MHAB como no MCGV o contato entre os docentes e os diferentes objetos como: o bonde, o carro de boi, a máquina de escrever, os cartões e fichas telefônicas, o estandarte e até a porta do museu será capaz de estimular inspirações, pensamentos, ações e afetos em uma articulação com as múltiplas temporalidades. Categoricamente, a relação com esses artefatos possibilita aos professores sentirem e experienciarem a história por meio dessas instituições de memória. Esse ambiente que convida a pensar, sentir, agir (Chagas; Storino, 2007) e emocionar-se no convívio e em situação de deslocamento pode ser capaz de promover uma educação histórica sensível ao desenvolvimento da capacidade decifradora dos artefatos de memória, sinais, signos e aos diálogos entre os tempos históricos (Siman, 2008).

Neste estudo, consideramos que a experiência de sensibilidades é corpórea, pois é com o corpo que garantimos a nossa presença no mundo. É pelo corpo que se dá a primeira aproximação com os objetos e com os cenários expositivos do museu. Desse ponto de vista, o corpo do sujeito visitante é convocado ao gesto interpretativo do/no espaço museológico, de modo que a nele causar inquietação e desconforto para, a seguir, mobilizar afetos,

representações, direitos e devires, como sinaliza Chagas (2019). As sensibilidades, que emergem da relação entre cada objeto, cada cenário ou narrativa expositiva e os corpos em (dis)curso no museu, produzem transformações sociais e fazem história. Trata-se de um processo implicado no incômodo percurso dos mapas de deslocamento. A experiência no museu enseja os sujeitos a contraditar o passado e as concepções flutuantes sobre o futuro e as contingências e os arranjos do tempo presente. Na verdade, as sensibilidades encontradas a partir de experiências provocam mudanças no sujeito, pois o saber de experiência está na relação entre o conhecimento e a vida, como reconhece Larossa (2004).

Pereira e Siman (2009) compreendem que a mobilidade dos corpos no museu sucede os parâmetros da mobilidade de sentidos e das fronteiras. Por se tratar de uma instituição que propõe uma compreensão da história, por meio de objetos, a experiência de sensibilidades depende do contato visual e corpóreo com as exposições dos museus. Por meio desse contato, os sujeitos elaboram percepções baseadas em suas experiências e constroem uma narrativa empática. A mobilidade de corpos no museu também colabora para o exercício de novas imaginações políticas, poéticas, para a compreensão dos jogos de palavra e silêncio e para uma problematização dos discursos museais. É da experiência do caminhar que objetos ganham vida e significados: concordantes e dissonantes (Siman; Campos; Andrade, 2012).

O ato de caminhar é uma das práticas cotidianas de uso do espaço a que Michel de Certeau (2009) atribui em sua obra *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Na obra, o autor se dedica a investigar as “práticas comuns” e as “operações dos usuários” no cotidiano. Assim, ao moldar os percursos no museu, o professor-caminhante pode ser capaz de tecer reflexões a respeito de sua própria prática nessas instituições. Em suma, caminhar pelos museus com os professores é uma oportunidade de “[...] encontrar outros jeitos de olhar o mundo, de modo a nos permitir encontrar outros entendimentos e outras poesias nas coisas expostas aos nossos olhares do dia a dia, de nossas caminhadas pelas calçadas e nossas debruçadas nas janelas” (Oliveira Junior, 2003, p. 116). Caminhar pelo

museu e por seus cenários expositivos é um espaço aberto para que os professores falem sobre suas concepções, ideias e narrem experiências históricas e de vida. À margem do discurso oficial do museu, os sujeitos, no exercício de sua liberdade de recepção, podem construir outras narrativas e lembranças, bem como memórias pouco canônicas que oportunizam construir saberes, temporalidades, alteridade e conhecimento histórico.

O passar do tempo e a atividade andarilha podem ser observadas no livro *A rua dos cata-ventos*, de Mario Quintana, escrito em 1940. No soneto VII, o autor mostra que o sujeito se volta para o passado e recorda a sua infância, em uma lembrança, guiada pela emoção, permeada de experiências prazerosas e imaginação. No entanto, o ato de rememorar é celebrado a partir de um olhar saudosista e melancólico, que não fica isolado do presente, mas se comunica continuamente com ele. Em suma, o poema é construído em um jogo dialético de oposições entre o passado e o presente, entre a criança e o adulto.

Recordo ainda... E nada mais me importa...
Aqueles dias de uma luz tão mansa
Que me deixavam, sempre, de lembrança,
Algum brinquedo novo à minha porta...

Mas veio um vento de Desesperança
Soprando cinzas pela noite morta!
E eu pendurei na galharia torta
Todos os meus brinquedos de criança...

Estrada afora após segui..., Mas, ai,
Embora idade e senso eu aparente,
Não vos iluda o velho que aqui vai:

Eu quero os meus brinquedos novamente!
Sou um pobre menino... acreditai...
Que envelheceu, um dia, de repente!...
(Quintana, 2005, p. 26).

No poema, embora a infância persista no sujeito adulto, aquele tempo jamais pode ser retomado, mas revivido e ressignificado. Portanto, resta a ele somente rememorar, reviver, com as lembranças, as experiências de outrora conservadas na memória. Como se vê, a infância adquire, assim, o status de

paraíso perdido e o abandono dos brinquedos, acompanhado por “um vento de desesperança”. No entender de Bosi (1994), ao narrar, o sujeito revive as suas experiências dando ao ausente uma nova presença, em uma tentativa de ligá-las, tanto no tempo como no espaço, produzindo, nesse ato, novas sensibilidades. Afinal, defendemos que o principal não é apenas o que sujeito viveu, mas o tecido da rememoração. E o museu também pode definido como espaço de reminiscências e recordações do qual o objeto (re)situa o sujeito no mundo vivido, para além de ser considerado como lugar nostálgico, saudosista e melancólico do passado.

Contextualizando os museus pesquisados

O Museu Histórico Abílio Barreto (MHAB) foi inaugurado em 18 de fevereiro de 1943. O Casarão, construído por Cândido Lúcio da Silveira por volta de 1883, era a sede da Fazenda do Leitão, no antigo Arraial do Curral Del Rey (Figura 1). Da inauguração até 1967, o MHAB chamava-se Museu Histórico de Belo Horizonte (MHBH). Em suas primeiras décadas, o museu buscava consagrar a ideia de Belo Horizonte como a cidade moderna e planejada que, de alguma forma, coincidia com a escrita da história nacional difundida pelo ideário modernista. Idealizado e fundado por Abílio Barreto, esse museu buscava ser o testemunho da história oficial da cidade, por meio da composição de um acervo orientado pela escolha de objetos vistos por ele como “valiosos”, “autênticos” e “preciosidades históricas”. Em certa medida, Barreto, ao escolher as peças para o novo museu, buscava uma certa autenticidade como valor fundamental.

Figura 1 – Casarão do MHAB



Fonte: Reprodução².

Conforme Britto (2022), o Museu Histórico de Belo Horizonte, naquele período e, posteriormente, o MHAB, até a década de 1990, como a maioria dos museus brasileiros da época, buscavam apresentar um discurso e uma leitura celebrativa do passado, por meio do recolhimento de “objetos relíquias” remanescentes do antigo arraial e das “ruínas precoces” oriundas das alterações urbanas da capital nascente. No entanto, somente a partir da década de 1990, com o chamado “processo de revitalização”, uma concepção museológica e historiográfica contemporânea passou a ser a tônica da instituição (Pimentel, 2004), focando uma atenção especial para a pluralidade das memórias e experiências sociais, que conformam a história da cidade, assim como os problemas históricos do passado e do presente da capital mineira, desvendando “[...] o sentido da construção coletiva da cidade a partir da leitura crítica da sua história e do seu patrimônio” como argumenta Garcia (2013, p. 102).

No final de 2019, foi inaugurada, no casarão do MHAB, a exposição de longa duração “Complexa Cidade”. As salas do Casarão foram organizadas por temas que perpassam os dois circuitos de visitação: “Habitar a casa” e “Habitar a rua”. Por meio de objetos, fotografias, mapas, vestígios arqueológicos, pinturas e representações literárias, a exposição foi concebida diante do desafio

² Disponível em: <https://culturalizab.com.br/index.php/2021/02/22/museu-abilio-barreto-oferece-mediacoes-educativas-pela-internet/>. Acesso em: 26 abr. 2024.

de refletir sobre *a casa e a rua* como dimensões privada e pública da cidade, em suas complexas relações de oposição e reciprocidade e, ainda, abordar acerca das múltiplas maneiras de se ocupar a urbe.

Figura 2 - Sala: Ritos



Fonte: Acervo da pesquisa (2021).

Figura 3 - Sala: Habitar a casa



Fonte: Acervo da pesquisa³.

Na parte externa do Casarão, podemos observar os objetos de grande porte. Em sua maioria, buscam remontar a cidade de Belo Horizonte, em suas

³ Julho de 2021.

primeiras décadas, a exemplo do bonde, que foi incorporado ao acervo em 1968. Já a locomotiva começou a fazer parte do acervo em 1942; o carro de boi doado ao museu em 1946, a cabine de elevador transferida para a instituição, em 1965; e o coche, em 1995.

Figura 4 – Cenários expositivos externos: bonde e carro de boi



Fonte: Acervo da pesquisa⁴.

O Museu da Cidade de Governador Valadares foi inaugurado na década de 1980 e está aberto ao público de segunda à sexta-feira, das 8h às 18h; sábados das 8 às 13h. Essa instituição reúne coleções de arqueologia, objetos biográficos de diferentes ofícios e meios de transporte, moedas, instrumentos musicais, mobílias e fotografias antigas da cidade. Anteriormente, o professor e diretor da Biblioteca Municipal de GV, Paulo Zappi, já em 1959, idealizou um museu naquele espaço. E o valor que Paulo Zappi atribuía às peças estava atrelado à sua antiguidade, bem como os objetos e documentos coletados sendo testemunhos de um passado longínquo, que, em nosso entender, muitas vezes, estava desvinculado com a própria história da cidade. Em junho de 1973, Wandyra Gomes da Silva, diretora da época, juntamente com uma equipe de funcionários, elaborou um anteprojeto de criação do museu histórico da cidade. Mais tarde, no início da década de 1980, a secretaria de Cultura, Maria Cinira

⁴ Julho de 2021.

Netto, dinamizou o projeto e inaugurou, no Palácio da Cultura, o Museu da Cidade de Governador Valadares, em 30 de janeiro de 1983.

Figura 5 – Fachada do Museu da Cidade – GV



Fonte: Reprodução⁵.

Ao longo de sua trajetória, os objetos escolhidos e reunidos, para o MCGV, precisavam ser considerados relíquias e testemunhos de um passado glorioso das personalidades ilustres oriundas da elite local. Atualmente, a exposição de longa duração do Museu da Cidade de Governador Valadares, ainda, preserva essa perspectiva tradicional consolidada na ausência de uma narrativa, que leve em conta as transformações e as contradições da cidade em sua trajetória histórica (Silva; Siman, 2020).

Figura 6 – Sala com objetos doados por famílias de elite e carro de boi no terraço



Fonte: Acervo da pesquisa⁶.

⁵ Disponível em: <http://www.valadares.mg.gov.br/detalhe-da-materia/info/museu-da-cidade-lugar-para-ir-ver-e-aprender/53314>. Acesso em: 10 fev. 2024

⁶ Julho de 2021.

Nosso esforço nos próximos subitens é refletir sobre a poética, as sensibilidades, a reflexão crítica e a produção do conhecimento no museu. E, em uma caminhada com os professores pelo MHAB e pelo MCGV, buscaremos analisar as experiências narradas e vividas pelos docentes e (re)significar os movimentos traçados por eles em uma tentativa de serem pensadas outras lógicas temporais e históricas nessas instituições museológicas.

Elos poéticos entre museus, reflexão crítica e sensibilidades

Neste trabalho de investigação, compreendemos os museus históricos de cidade como instituições de excelente capacidade de exercício da aprendizagem e sensibilidade histórica. E, nesse processo de caminhar junto aos professores de História no MHAB e no MCGV, vamos (re)descobrindo caminhos outros e uma aproximação com os sentimentos, emoções e com os *espaços-tempo* vividos. O que fazer? Haverá outro caminho? Chagas (2013, p. 302) nos provoca e, ao mesmo tempo, aponta-nos alguns passos ao dizer que “talvez seja possível exercitar uma nova imaginação museal que, abrindo mão da ingenuidade, valorize a perspectiva crítica, sem abrir mão da poética” Em suma, trabalhar com ensino de história, museus e sensibilidades pode possibilitar elos para o exercício de uma *nova imaginação museal*, oportunizando a reflexão acerca do discurso do museu sobre os objetos, a cidade, as suas tramas e personagens.

No entanto, Ramos (2004, p. 71) evidencia que o “desafio é fazer dessa sensibilidade a matéria-prima de novas percepções, geradas em acasalamento com a reflexão. Afinal, os objetos devem mexer com o corpo do visitante, provocá-lo, afetá-lo”. Na verdade, eis o desafio que importa encarar: trabalhar a poética do museu e as sensibilidades em interlocução com a reflexão crítica e a produção do conhecimento histórico. Neste texto, aceitamos tamanho desafio, percorrendo diferentes caminhos no museu junto aos docentes pesquisados e, também, propomos ao leitor(a) um mergulho nas histórias de vida experienciadas por tais sujeitos. É nesse sentido que, durante os movimentos da

pesquisa, são realizadas algumas tentativas que contribuem para a possibilidade de “[...] narrar a vida e literaturizar a ciência” (Alves, 2008, p. 30). Na verdade, assim como Costa (2017, p. 102) defendemos sobre a necessidade de “poesificar as coisas” e (re)descobrir outras camadas de sensibilidades com os objetos do museu. Para a autora,

[...] pensar que a poesia, como ato estético e político, retira as coisas, e nós mesmos, do olhar banal e cotidiano. Ao poesificar as coisas, podemos subjetificá-la e perceber o quanto constroem nossas subjetificações. Podemos retirá-las do olhar naturalizado, redescobrindo outras camadas de sentido. Portanto, o desafio está lançado para que nosso olhar de educadoras/es possa percorrer com poesia, o universo dos objetos, encantando a nós e o nosso olhar, explorando as conexões que os objetos propiciam entre o singular e o universo, o material e o imaterial, o eu e o nós.

A caminhada pelo museu configura uma oportunidade para os professores de História narrarem o mundo, os seus modos de existência, os seus conhecimentos, as suas vidas. E, assim, “pôr em palavras um mundo ininteligível e um mundo impalpável” (Lispector, 1984, p. 217). Na perspectiva de Benjamin (1987, p. 205), o narrador retira da sua experiência aquilo que ele conta, pois “[...] a narrativa mergulha a coisa na vida do narrador para, em seguida, retirá-la dele”. E a ideia de valorizar as experiências vividas e narradas pelos docentes pode contribuir para reflexões pertinentes sobre os espaços museais. De modo mais amplo, concebemos, neste artigo, os museus como instituições porosas, permeáveis e abertas, cujas experiências vividas pelos seus visitantes são carregadas de justaposições e uma multiplicidade de sensações e temporalidades. Sobre esse aspecto, por meio da música “Tempo Perdido”⁷, da banda Legião Urbana, podemos refletir sobre a dualidade entre ter e não ter tempo e a dialética do lembrar e esquecer:

⁷ TEMPO perdido. Banda: Legião Urbana. Compositor: Renato Russo. In: DOIS. Banda: Legião Urbana. Rio de Janeiro: Gravadora EMI-Odeon, 1986.

Todos os dias
Antes de dormir
Lembro e esqueço
Como foi o dia.

Sempre em frente
Não temos tempo a perder
[...] Temos nosso próprio tempo
Temos nosso próprio tempo
Temos nosso próprio tempo [...]

Em certa medida, cada professor de História *tem o seu próprio tempo*, operam múltiplas temporalidades, se movimentam e propõe novos jeitos de caminhar no museu. Nesse espaço de sentir, rememorar, lembrar para esquecer, e esquecer para lembrar, o *tempo não para*⁸, como também dizia Cazuza. Assim, como defende Possamai (2015, p. 97) “[...] os museus proporcionam um diálogo com o tempo e com os restos selecionados para representar o pretérito para as gerações que virão”. Não estamos juntos no mesmo tempo, pois acreditamos que as experiências de vida de professores no museu são individuais – no, amalgamadas de vida social e de lastros com a cultura e com suas práticas pedagógicas.

O tempo assume um papel central no entendimento dos acontecimentos e dos processos do nosso presente, um dos eixos fundamentais para se compreender o museu e suas relações com a sociedade em que está inserido. Segundo as reflexões de Breve (2007, p. 31) “[...] a questão da temporalidade – ou seja, das complexas tramas tecidas entre presente, passado e futuro ao redor das questões patrimoniais e memoriais – está no centro das discussões historiográficas recentes”. Em certa medida, em muitas instituições museológicas, as narrativas são contadas no sentido de tornar o tempo reversível,

⁸ O TEMPO não para. Intérprete: Cazuza. Compositores: Arnaldo Brandão e Cazuza. In: O TEMPO não para. Rio de Janeiro: Philips Records, 1988.

em uma tentativa de reviver o passado e resguardar do tempo tudo o que fosse original e autêntico (Santos, 2006). Portanto, essa investigação insere-se na possibilidade dos professores de História poderem (re)significar os movimentos entre passado e presente, conduzindo-nos por outras lógicas temporais no museu.

Experienciar e fruir o museu requer reflexão crítica e envolvimento (nos mais diversos níveis e possibilidades) com a produção do conhecimento. Em outras palavras, não se pode deixar de lado, no processo de ensinar e aprender em um museu histórico, as indagações, as rupturas e os estranhamentos. Por isso, Meneses (2000, p. 97) é categórico ao dizer que “[...] falta o estranhamento sem a qual a poética é apenas uma prosa pobre sobre si próprio”. Isso implica considerar que uma das tarefas principais é estranhar nosso cotidiano, nossas ideias e valores com as quais mantemos uma relação de familiaridade e, evidentemente o museu faz parte desse exercício de estranhamento (Gonçalves, 2007). Nessa linha de raciocínio, Ramos (2004) também ressalta que:

Torna-se necessário estranhar o normal, perguntar-se sobre o cotidiano e suas banalidades, questionar-se sobre o óbvio. Não há conhecimento sem espanto. É por isso que vale a pena quebrar a suposta normalidade que justifica a existência do museu, ou melhor, o próprio ato do mostrador museal (Ramos, 2004, p. 144).

Partindo dessa premissa, comungamos da ideia sobre a capacidade do MHAB e do MCGV em afetar, provocar e causar estranhamentos em seus visitantes, mas “[...] sem perder de vista os fios que ligam o museu à vida e a vida ao museu” (Pereira, 2010, p. 518), de forma a fazer emergir interpretações sobre a cultura, a história e a memória em sua dispersão tanto por meio do discurso das exposições quanto da vida comum. Para Lispector (2020, p. 69), a vida só acontece no desconhecido; no que se evidencia com o enfrentamento do caminho. A autora assim escreve: “quando estranho a palavra aí que ela alcança o sentido. E quando estranho a vida aí é que começa a vida”. Em nosso caso, quando os professores de História estranham o museu, elegendo a sua narrativa expositiva como alvo de perguntas e indagações, pode ser dado um passo para alcançar a

sensibilidade, a reflexão crítica e a produção do conhecimento. Somando-se a isso, é, também, por meio do estranhamento daqueles objetos que são significativos para os docentes, uma vida pretérita é experienciada e (com)partilhada.

No entender de Larossa (2004, p. 162) o ato de viver uma experiência está relacionado a percurso, passagem; que contém “[...] inseparavelmente a dimensão de travessia e perigo”. De modo mais amplo, os sujeitos que experimentam, que se deixam atravessar, também experienciam diferentes temporalidades e espacialidades. Na caminhada no museu os docentes são capazes de transgredir, (des)obedecer, formam sensibilidades, afetam e são afetados. De certo modo, os professores ao refletirem sobre o seu passado vivido e mirando a narrativa museal de modo crítico podem promover a possibilidade do *de vir* (Brulon, 2015; Costa, 2019), em uma conversa triangular e fraterna entre Ensino, História e Museologia. Na perspectiva de Gonçalves (2007), o deslocamento pelo museu, embora algumas vezes ocorra, de forma despretensiosa, é motivado pela possibilidade de, a qualquer momento, experimentar a descoberta de alguma dimensão da realidade desconhecida e distante no tempo e no espaço.

Baseado nas reflexões de Denise Sant’Anna (2002), Francisco Ramos (2004) analisa o conceito de “corpo de passagem”. Para o autor, o sujeito, ao deixar de ser passageiro no mundo, passa a compor-se como de passagem no mundo. Ou seja, abandona o eu centrado em si mesmo e abre a sua alma para (com)partilhar. Em alguma medida, a ideia de “corpo de passagem” faz referência a um modo de encarar a vida como efêmera, ou seja, como fluxo do tempo que não se pode deter, em um corpo que é possível (com)partilhar não somente com os outros corpos, mas com o mundo dos objetos. Nesse sentido, Ramos (2004, p. 148) considera que “[...] se no viver cotidiano vamos animando nossos ‘corpos de passagem’, certamente teremos mais facilidade para sentir o mundo dos objetos e, portanto, o museu”. Por isso, comungamos da ideia de que a relação entre os professores de História e os museus históricos de cidade está também inserida nas tramas entre a potência da sensibilidade corporal e a

possibilidade de experienciar os objetos e os cenários expositivos. O corpo a corpo com os objetos vem, certamente da abertura para a possibilidade de se deixar afetar. Nessa direção, Pesavento (2007) aponta que:

A sensibilidade revela a presença do eu como agente e matriz das sensações e sentimentos. Ela começa no indivíduo que, pela reação de sentir, expõe o seu íntimo. *Nesta medida, a leitura das sensibilidades é uma espécie de leitura da alma.* Mas mesmo sendo um processo individual, brotado como uma experiência única, a sensibilidade não é, a rigor, intrasferível. *Elá pode ser também compartilhada, uma vez que é, sempre, social e histórica* (Pesavento, 2007, p.14, grifo nosso).

Na concepção de Chagas (2013), trabalhar a poética do museu implica abolir qualquer ingenuidade e desenvolver uma perspectiva crítica, interessada em investigar a serviço de quem a memória está sendo acionada. Em suma, a dessacralização e a desnaturalização do espaço museal requerem uma aprendizagem para abranger o pensamento acerca da fluidez do tempo e do esquecimento implicados nos atos de memória. Aceitar que o conhecimento, a reflexão crítica e as sensibilidades sejam partes integrantes de atuação do museu garante que as ideias e as carnes em exposição, também, sejam, dessa maneira, simulacro da realidade física, material e corpórea da vida. E, na medida em que o museu histórico de cidade é pensado como lugar de trânsito e discursos arbitrados, isso pode colaborar para o processo de ensinar e aprender a fazer História sobre e com os objetos.

Abrindo portas, janelas e portais: compartilhando histórias de vida de professores no museu

Os museus estão entre os locais que nos proporcionam diferentes formas de sentir e experienciar a história. Em suma, essas instituições são portas, janelas e portais; elos poéticos entre a memória e o esquecimento. E nesse ambiente de partilha com o diverso e de experiência de aprendizagem com a alteridade podem ser criadas, ainda, oportunidades para a reflexão acerca do

discurso do museu sobre os objetos. Ou seja, é uma experiência de educação “em deslocamento” para exercitar pensamentos, tocar afetos, estimular ações e intuições. Por isso, o trânsito e as trajetórias não podem ser deixados de lado na construção de uma relação afirmativa entre museu, ensino de História e sensibilidades.

A face labiríntica da instituição museal, com inúmeras linhas de fuga, como afirmam Pereira (2010) e Siman (2008), requer a observação das minúcias, bem como a curiosidade pelo inusitado, pelo desconhecido, pelo que se mostra estranho ou desconexo. Em outras palavras, andarilhar pelos museus requer o desenvolvimento das sensibilidades auditivas, visuais, táticas e, até mesmo olfativas. É possível dizer que, na experiência de “[...] escutar os outros, cultivar a arte do encontro” (Larossa, 2004, p. 160), resida a expectativa da produção de algo novo, inesperado e um indício de grande prazer pela vida. É nessa travessia que entram em cena os professores de história, que se permitiram (com)partilhar as suas histórias de vida experimentada em percursos, muitas vezes labirínticos ou (in)definidos no MHAB e MCGV.

Dessa forma, acreditamos que os museus históricos de cidade, em sua capacidade de evocar, podem possibilitar a “arte do encontro” entre o sujeito e os seus diferentes modos de existência, afetos e temporalidades. É nesse movimento que se insere a nossa opção pela entrevista caminhante. Cada professor de História foi convidado a caminhar pelo MHAB e pelo MCGV, dialogando comigo e estabelecendo percursos pelos cenários expositivos dos museus. Salienta-se que:

[...] essa metodologia qualitativa de investigação propõe-se a escutar os sujeitos que, generosamente, emprestam e confiam suas vidas aos/as entrevistadores/as, que delas recolhem não somente os fatos, mas os sentidos, os sentimentos, os significados e interpretações que tais sujeitos lhes conferem (Teixeira; Pádua, 2006, p. 2).

Esta etapa da pesquisa desenvolveu-se entre julho de 2023 e maio de 2024. A escolha dos docentes deu-se após um levantamento realizado pelo

MHAB e MCGV - e solicitado por mim para esta pesquisa - das escolas que mais frequentaram essas instituições entre o ano de 2022 e os primeiros meses de 2023. No entanto, ao realizar contato com as escolas verifiquei que em sua maioria não eram os professores de História que levavam seus estudantes a estas instituições. A maior frequência estava atrelada às turmas de Anos Iniciais do Ensino Fundamental e, concomitantemente, aos professores com formação em Pedagogia. Dos professores de História que levaram os seus alunos aos museus pesquisados naquele período, consegui contato com cinco. Três, em Belo Horizonte, para a entrevista no MHAB⁹ e dois, em Governador Valadares, para entrevista no MCGV.

A entrevista caminhante foi realizada no MHAB e no MCGV, individualmente com cada professor, em dia, previamente, agendado. Recorremos, para isso, a um roteiro semiestruturado e optamos pelo uso do aplicativo de gravação do smartphone para a coleta da voz. Assim, o tempo da entrevista foi, então, o tempo do percurso. Em muitas ocasiões, o/a professor/a escolhia qual a sala ou o cenário expositivo que ele/a gostaria que a entrevista transcorresse. Em certa medida, eu também fui convidado a percorrer os museus juntamente com os docentes e escutar sobre as suas práticas, memórias e experiências de vida. Desse modo, “[...] os percursos de visitação passam a se reger sob outras lógicas, orientados por problemas, perguntas, tipologias de objetos, temas e recortes de conteúdo, e, mesmo, temporalidades” (Pereira; Siman, 2009, p. 279).

Caminhar nos obriga a viver uma temporalidade diferente daquela guiada pela velocidade da técnica. É preciso saber andar devagar para conseguir andar mais. Obedecer aos limites do corpo. Na verdade, caminhar pelo museu é a oportunidade de reconhecer a mistura entre os dois tempos – passado e presente – que moldam a vida. Portanto, trazer indícios das reminiscências experienciadas pelos professores e de suas trajetórias de vida não acontecem de forma linear ou previsível, como algo fixo, pelo contrário o museu pode ser

⁹ Para este artigo, utilizamos fragmentos da entrevista caminhante de dois professores no MHAB. No momento da escrita deste texto, a Entrevista Caminhante II estava em processo de revisão e análise das transcrições.

entendido como lugar de passagem, que convida não à paragem, mas ao trânsito. Afinal, a caminhada transgride, arrisca, respeita as trajetórias de fala, “[...] com intensidades que variam conforme os momentos, os percursos, os caminhantes” como pontua Certeau (2009, p. 166).

O professor Renato, em vários momentos da entrevista, direcionou os seus próprios deslocamentos no MHAB: vamos lá? Vamos lá nessa parte? Algumas vezes fui provocado pelo docente a segui-lo e, atento ao que ele tinha para falar na sala intitulada “*Habitar a Casa*”, perguntei-lhe se estar em um casarão antigo suscita algo nele, como, por exemplo, alguns aspectos de sua infância. O docente responde:

Eu digo que como uma boa parte da minha família é do interior, é de uma cidade chamada Comercinho, no Vale do Jequitinhonha. Quando eu vejo essa porta grande, ela é mais do que uma porta, ela é uma emoção. Eu fico muito emocionado. Porque eu tenho guardado comigo uma chave que, eu sempre achei que abrira as portas de qualquer lugar do mundo, sabe? Mas ela abria no máximo uma porta da casa dos meus avós e é uma chave muito grande. E toda vez que eu venho aqui no museu, que eu olho para a fechadura e olho para o tamanho dessa porta, eu acho que eu vou abrir aquela porta quando eu tinha lá os meus cinco anos e o meu avô, me entregou para brincar e eu guardei achando que era a chave do mundo (Professor Renato)¹⁰.

De acordo com Freire (1992, p. 45), carregamos conosco lembranças de algo distante, “o corpo molhado de nossa história, de nossa cultura”. Uma memória, às vezes difusa da nossa infância ou adolescência, que, de repente, destaca-se límpida diante de nós, em nós. Nesse aspecto, o professor, ao olhar para aquela porta e lembrar da chave que, segundo ele, poderia “abrir as portas de qualquer lugar do mundo” reconheceu a importância da materialidade de outros aspectos constituintes do museu para além dos objetos em exposição e atribuiu sentido ao casarão e aos elementos que o compõe. Ainda, segundo o docente, estar no MHAB, com ou sem os seus estudantes, é como “um refúgio”,

¹⁰ Professor Renato. Entrevista Caminhante III. Belo Horizonte, abr. 2024. Arquivo mp3 (54 min.).

“uma fuga” de volta às suas memórias pretéritas carregadas de emoção e sensibilidades. Por isso,

[...] têm os museus, nesse sentido, várias portas e janelas, dispostas em cada ponto instável de significado; e têm bordas, nas quais residem – não calmamente – as linhas de fuga, as divergências e o sem-sentido com que se faz a história nos tempos (Pereira, 2010, p. 524).

No Casarão, também perguntei ao professor Fabrício qual objeto do acervo traz alguma lembrança de sua infância ou adolescência. O professor pensa um pouco e diz que, na sala chamada “Ritos”, os objetos expostos não têm muita relação com esse período de sua vida, mas com a sua “vivência de cidade”. Fomos andando em direção à sala e, no silêncio do percurso até lá, o que se ouvia era apenas o barulho do ranger de nossos passos pelo assoalho de madeira do museu. Paramos em frente a essa estante e pergunto qual objeto é significativo para o que revela como a sua “vivência de cidade”. O docente responde:

Ah, se fosse olhar, seria esse estandarte. Com certeza! Por que estandarte me remete a carnaval, e não só o carnaval, mas também a questão de frequentar de vez em quando Terreiro, de consultar os búzios, né? Tá aqui Iemanjá. Então, a mitologia dos Orixás, né? Então se fosse uma sala mais próxima seria essa. Não que eu seja um praticante. Mas eu sou um curioso da mitologia dos Orixás, tenho uns livros, estou lendo livros, pesquisando, de vez em quando frequentando. Então destas salas, essa me pareceu ser a mais acolhedora (Professor Fabrício)¹¹.

A cidade, assim, como o museu, é lugar privilegiado para o aprendizado da História. Portanto, ambas podem ser sentidas e experienciadas, a partir de ações pedagógicas labirínticas planejadas, cuja meta é o próprio processo (Costa; Muniz 2022, p. 277). Em suma, o museu para aquele docente tornou-se um instrumento potencial para se compreender a “vivência de cidade” da qual buscou relacionar o objeto com a sua religiosidade e as suas práticas culturais. Nessa ótica, o artefato em exposição, naquela estante, pode ser

¹¹ Professor Fabrício. Entrevista Caminhante I. Belo Horizonte, jul. 2023. Arquivo mp3 (34 min.)

concebido pelo docente pelo seu valor provocativo de percepções e interpretações do social vivido e do passado relido no presente.

No MCGV, a capacidade dos objetos expostos de tocar, afetar e evocar experiências de sensibilidades pôde ser observada por meio do relato da professora Gizele. Ao, também, ser indagada se havia, no museu, algum objeto que remetia à sua infância ou juventude, a professora logo se dirigiu à sala onde se encontravam as máquinas de escrever. Olhando para o objeto, e com um leve sorriso no rosto, assim disse:

Com relação a minha juventude, a máquina de escrever. Lá na minha cidade a gente teve um curso de datilografia “Olivetti”, sabe? Chique menino, não era todo mundo que podia fazer não. E eu era louca pra poder aprender. Aí um dia eu fui numa aula experimental porque eu não tinha dinheiro pra pagar. Mas era bem enjoado o começo e aí caiu tudo por terra. Mas eu ainda amo o barulhinho (Professora Gizele)¹².

A máquina de escrever apenas indica o que já passou, o que não funciona mais, o obsoleto frente às novas tecnologias, mas, ainda, permanece na memória afetiva da professora de História “aquele barulhinho” e a impossibilidade de realizar o curso de datilografia, que, naquele período, nem todos podiam fazê-lo devido ao alto custo das mensalidades. Esse objeto, que teve origem no final do século XIX, e até a década de 1980 era acessório padrão na maioria dos escritórios, sendo substituído, a partir dos anos 2000, pelos computadores, é bastante comum em exposições de museus históricos de cidade. A campainha que tocava quando faltava pouco espaço para mudar de linha e o barulho que fazia do toque nas teclas, provavelmente, habitam as memórias mais recônditas de boa parte das pessoas que viveram naquele período, pois acreditamos que os objetos “[...] não são entes despidos de vida social; ao contrário, na maioria dos casos, são sujeitos que condicionam nossas vidas” (Ramos, 2004, p. 9).

¹² Professora Gizele. Entrevista Caminhante IV. Governador Valadares, mai. 2024. Arquivo mp3 (51 min.).

Neste texto, compreendemos os museus como lugar de exercício das experiências históricas vividas pelos professores em suas múltiplas temporalidades e em diferentes cenários socioculturais, seja no espaço urbano ou rural. Ao chegar no terraço do MCGV e vislumbrar o carro de boi, disparou-se no professor Bruno um “turbilhão de lembranças e momentos”. O docente me faz um emocionante relato:

Essa junta de carro de boi aqui, para quem teve convívio assim como eu tive, é um turbilhão de lembranças e de momentos. E para os meninos que hoje em dia já não têm mais contato com esse tipo de objeto, a não ser através dos livros didáticos, pesquisas da internet, talvez não entendam o peso que representa isso aqui. Eu andei demais de carro de boi [...] era bacana, muito bacana. Era na roça, né? A gente ia pra lá visitar o pessoal e aí a gente passava férias lá. Lá usava-se pra tudo. Pra levar leite e capim para o gado (Professor Bruno)¹³.

Pode-se dizer que o carro de boi é um dos símbolos da identidade rural brasileira e da agricultura. A partir da década de 1960, com o processo de mecanização, violência e concentração de terra no campo, o carro de boi foi perdendo espaço para os maquinários, e grande parte da população rural migrou para as cidades. Esse objeto, o qual não faz mais parte do cotidiano das novas gerações que quase não têm contato com a realidade do campo, habita as memórias vividas durante a infância do professor Bruno. A dupla Tonico e Tinoco, utilizando-se de um linguajar típico da roça na música “Carro de Boi”¹⁴, já sentenciava sobre o esquecimento desse objeto tão importante para o desenvolvimento do país.

Meu véio carro de boi, ouço a pouco apodreceno na chuva, sor e sereno sozinho aqui desprezado.

Hoje ninguém mais se alembra que ocê abria picada abrindo novas estrada formano vila e povoado.

¹³ Professor Bruno. Entrevista Caminhante V. Governador Valadares, mai. 2024. Arquivo mp3 (39 min.).

¹⁴ CARRO de boi. Intérpretes: Tonico e Tinoco. Compositor: Tonico. In: DOSE Dupla. Rio de Janeiro: Gravadora Warner Music Brasil, 1994.

[...] hoje é um traste veio, apodreceu no relento, no museu do esquecimento, na consciência do patrão.

Seja para abrir novas estradas, formar vilas e povoados, seja para levar leite ou o capim para o gado, o carro de boi, no museu, pode ser capaz de evocar reminiscências, tocar e afetar os sentidos de um cotidiano que, até cinco décadas atrás, era vivido pela maioria dos brasileiros. Desse modo, a presença do carro de boi nas exposições do MCGV, do MHAB e de tantas outras instituições museológicas resistem ao processo de apodrecimento “no relento” e no “museu do esquecimento”.

Pereira e Carvalho (2010, p. 395) defendem que o museu não é lugar-final, mas lugar de trânsito. Segundo os autores, trata-se de uma experiência em deslocamento e, também, “[...]lugar de ultrapassagens, em que emergem relações dinâmicas e intrincadas entre os sujeitos na experiência de aprender e sentir os enovelamentos dos tempos”. No MCGV, a ultrapassagem foi interrompida quando a professora Gizele se depara com a exposição de cartões e fichas telefônicas. Estávamos a caminho do terraço do museu (onde se encontrava o carro de boi e outros objetos) quando a professora para e exclama:

Ah, eu adoro cartão telefônico! Até cartão telefônico a gente tem um pouco. São de outras cidades. Esse acervo aqui parece que é de Minas. E as fichas lá... Outro dia eu tive que explicar para um aluno o que é ‘caiu a ficha’ [risos]. Eles não têm noção de que a expressão ‘caiu a ficha’ vem de completou a ligação, terminou o seu tempo (Professora Gizele).

Nos “orelhões” presentes na maioria das cidades do país até o início dos anos 1990, era necessário inserir fichas metálicas para realizar uma ligação telefônica. Ao colocá-la, o telefone dava um “sinal de discagem” e, após um tempo pré-determinado, o contato era interrompido e a ligação caía. O telefone avisava com uns “bips” e, caso a pessoa quisesse continuar a ligação, colocava outra ficha. Os cartões telefônicos começaram a substituir o antigo sistema de fichas em 1994, mas, até hoje, a expressão “cair a ficha” sobreviveu à passagem do tempo. No entanto, foi necessária a intervenção da docente para que os seus

estudantes, situados em outro tempo, compreendessem a expressão. O encontro com esses objetos foi capaz, então, de despertar nela não somente o desejo de narrar as suas ligações afetivas com os cartões e fichas telefônicas, mas o seu processo pedagógico-reflexivo em sala de aula.

Ramos (2004) assinala que, no museu, pretende-se que o objeto seja presença *no tempo* e, no nosso caso, também *do tempo*. A materialidade dos artefatos em exposição pode ser capaz de gerar novas percepções e aprendizagens. Na travessia interrompida, a professora Gizele não se propôs apenas a contemplar os cartões e as fichas telefônicas, mas pensar o uso desses objetos como fonte de produção de conhecimento histórico junto a seus estudantes. Em outras palavras, esses objetos, quando instalados na exposição, não são somente

[...] a representação desses usos e sentidos, mas sobretudo a presença de algo que desloca o ponto de observação, fertilizando outras sensações, outros sentidos em acasalamento com o ato reflexivo, outras formas de construção do saber histórico, preocupadas não somente com o ‘estudo do passado’, mas sobretudo outras maneiras de saber que envolvem no estudo das temporalidades (Ramos, 2004, p. 149).

Nas diferentes trajetórias traçadas, a professora e os professores de História foram capazes de imaginar, produzir conhecimentos e recriar outros percursos de experiência de sensibilidades no MHAB e no MCGV. Nessa caminhada e atravessados pelas diferentes formas de vivência da cultura, esses docentes foram confrontados pelas múltiplas concepções, temporalidades, saberes e afetos que uma visita aos museus pode proporcionar. Afinal, como já dissemos, eles são bons para refletir, produzir conhecimento, para pensar, sentir e agir.

“Não, não tenho caminho novo. O que tenho de novo é o jeito de caminhar”¹⁵: finais Apontamentos

Este trabalho de investigação foi um convite à reflexão sobre as experiências, as sensibilidades e os deslocamentos traçados por professores de História durante uma caminhada pelo acervo do Museu da Cidade Governador Valadares (MCGV) e pelo Museu Histórico Abílio Barreto (MHAB), em Belo Horizonte/Minas Gerais. Por meio dessa travessia, foi possível apurar “[...] a delicadeza da coisa vivida e depois revivida” (Lispector, 2020, p. 63) desses docentes no museu. Afinal, acreditamos que deslocar é, antes de tudo, atravessar o espaço e as suas próprias fronteiras temporais. Ao longo dos movimentos da pesquisa, a nossa finalidade foi compreender o percurso, não a chegada, pois “[...] o que vale na vida não é o ponto de partida e sim a caminhada” como nos diz Coralina (1987, p. 63).

A necessidade de trabalhar a poética do museu em articulação com a reflexão crítica e a produção do conhecimento foi o desafio que nos propomos neste artigo, e os relatos dos docentes no MHAB e no MCGV evidenciaram que abordar sobre as histórias de vida e os momentos ressignificados instiga-nos a pensar que as instituições museológicas, também, são lugares para imaginar, provocar e indagar sobre a cidade, a sua narrativa e os seus sujeitos como, ainda, refletir sobre as suas práticas em sala de aula. Tais deslocamentos de sensibilidade, temporais e históricos, implementaram uma poética da deambulação e da partilha, evocando e potencializando a capacidade de tocar, afetar e ser afetado por meio do contato com os objetos em exposição.

Nesse trajeto, as experiências do professor Fabrício no MHAB e do professor Bruno no MCGV foram constitutivas de múltiplas articulações temporais, sensíveis e corpóreas da vida. O tempo, a história, a reflexão crítica e o poder evocativo dos objetos contribuíram para fazer ecoar um “turbilhão de lembranças” e a interpretação da presença do pretérito no museu. O estandarte foi capaz de sensibilizar o professor Fabrício tanto no sentido de narrar as suas

¹⁵ Do poema “A vida verdadeira” (Mello, 2009).

histórias e a sua “vivência de cidade”, como mobilizou nele o que Meneses (2003) chama de *consciência da cidade*. Ou seja, as experiências afetivas de memória, de pertença e de integração ao tecido urbano provocou no docente o processo de *desnaturalização* da urbe, de modo a compreendê-la como “[...] coisa criada, instituída pelo homem para si e para os seus interesses, contra, eventualmente, interesses de outros homens, mutável e em transformação permanente” (Meneses, 2003, p. 279). E o carro de boi instigou o professor Bruno a narrar as próprias experiências no espaço rural e a sua “vivência de roça”. Assim, esse objeto passou de uma mera ferramenta de trabalho ou meio de transporte para um objeto simbólico que engatilha a memória afetiva daqueles que tiveram vivência em espaços rurais, como ocorreu durante a infância do docente.

A “arte do encontro”, por parte da professora Gizele, com a máquina de escrever no MCGV, e do professor Renato, com a porta do MHAB, foi capaz de produzir narrativas e experiências de sensibilidades. O barulhinho da máquina e a emoção de vislumbrar a porta e recordar da chave, a qual, na infância, poderia “abrir todas as portas do mundo”, contribuíram para que esses docentes pensassem a sua própria história a partir dos pressupostos do que Chagas (2013) reconhece como *nova imaginação museal*. Portanto, os objetos foram provocadores de sensibilidades, da qual as narrativas, as práticas sociais e a imaginação poética se entrelaçaram. Afinal, o espaço museal é campo e arena de relações, inspirações e mobilizador de afetos, sonhos e reminiscências.

Vale ressaltar que, apesar de os museus pesquisados possuírem trajetórias institucionais e perspectivas historiográficas distintas, este estudo apurou que as experiências dos docentes ensejaram esses sujeitos a se afetar: em chão ladrilhado (Pereira; Siman, 2009) ou assoalhado do museu. Os objetos em exposição em ambas as instituições e em outros espaços museais promovem sensibilidades e terreno fértil para que sejam pensados outros tempos e possibilidades de movimentos diversos para o ensino de História.

Referências

Documentos sonoros

TEMPO perdido. Banda: Legião Urbana. Compositor: Renato Russo. In: DOIS. Banda: Legião Urbana. Rio de Janeiro: Gravadora EMI-Odeon, 1986.

O TEMPO não para. Intérprete: Cazuza. Compositores: Arnaldo Brandão e Cazuza. In: O TEMPO não para. Rio de Janeiro: Philips Records, 1988.

CARRO de boi. Intérpretes: Tonico e Tinoco. Compositor: Tonico. In: DOSE Dupla. Rio de Janeiro: Gravadora Warner Music Brasil, 1994.

Bibliografias

ALVES, Nilda. Decifrando pergaminho – o cotidiano das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In: OLIVEIRA, Inês B. de; ALVES, Nilda (org.). *Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas: sobre redes de saberes*. Rio de Janeiro: DP et Alii, 2008. p. 1-11.

BENJAMIN, Walter. O narrador. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, mágica e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 197-221.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRAGA, Jezulino Lucio Mendes. Subjetividades e construção de sentidos na experiência de uso educativo do Museu de Artes e Ofícios. *Métis: história & cultura*, v. 17, n. 34, p. 253-270, jan./jun. 2018. Disponível em: <https://sou.ucs.br/etc/revistas/index.php/metis/article/view/6947>. Acesso em: 14 set. 2024.

BREFE, Ana Cláudia Fonseca. Comentário I: museu, imagem e temporalidade. *Anais do Museu Paulista*, São Paulo. v. 15, n. 2. p. 31-36, jul./dez. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/anaismp/a/Q6xNFbB8NNHNshgMsLmQJ5n/>. Acesso em: 12 ago. 2024.

BRITTO, Clovis Carvalho. Monumentalizando “ruínas precoces”: o Museu Histórico de Belo Horizonte e a imaginação museal de Juscelino Kubitschek. *Anais do Museu Paulista*, São Paulo, Nova Série, v. 30, p. 1-47, 2022.

BRULON, Bruno. Os objetos de museu entre a classificação e o devir. *Informação & Sociedade (UFPB Online)*, v. 25, p. 25-37, 2015. Disponível em:

<https://periodicos.ufpb.br/index.php/ies/article/view/025>. Acesso em: 8 set. 2024.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. 16. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

CHAGAS, Mário de Souza; STORINO, Claudia Maria Pinheiro. Os museus são bons para pensar, sentir e agir. *MUSAS – Revista Brasileira de Museus e Museologia*, Rio de Janeiro: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Departamento de Museus e Centros Culturais, n. 3, p. 6-8, 2007.

CHAGAS, Mario de Souza. Educação, museu e patrimônio: tensão, devoração e adjetivação. In: TOLENTINO, Átila Bezerra (org.). *Educação patrimonial: educação, memórias e identidades*. 1. ed. João Pessoa: Iphan, 2013. v. 3, p. 27-31. (Caderno temático, v. 3).

CHAGAS, Mario de Souza. Memória social em fragmentos: o poder das encruzilhadas e a museologia em ação. *Cadernos Sesc de Cidadania*, v. 15, p. 34-38, 2019.

CORALINA, Cora. *Vintém de cobre: meias confissões de Aninha*. Goiânia: UFG, 1987.

COSTA, Carina Martins. A poesia das coisas no Ensino de História: exercícios de sensibilização. In: SIMAN, Lana Mara de Castro; MIRANDA, Sonia Regina. *Patrimônio no Plural: educação, cidades e mediações*. 1. ed. Belo Horizonte: Fino Traço Editora, 2017.

COSTA, Carina Martins. Educar em museus históricos: entre deveres e devires da memória. *Anais do Museu Histórico Nacional*, v. 51, p. 11-25, 2019. Disponível em: <https://anaismhn.museus.gov.br/index.php/amhn/article/view/140>. Acesso em: 3 ago. 2024

COSTA, Carina Martins; MUNIZ, Thaís de Queiroz. Aprender na cidade: o dédalo e o labirinto. *Espacialidades*, v. 18, p. 267-278, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/espacialidades/article/view/26551>. Acesso em: 4 ago. 2024.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. São Paulo: Paz & Terra, 1992.

GARCIA, Luiz Henrique Assis. Intervenção museal no espaço urbano: história, cultura e cidadania no Parque Lagoa do Nado. *História [online]*, v. 32, n. 2, p. 87-104, 2013.

Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/his/a/j7LZk54JcMWWVm4ZbnwTnws/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 3 ago. 2024.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. Os museus e a cidade. In: GONÇALVES, José Reginaldo Santos. *Antropologia dos Objetos: coleções, museus e patrimônios*. Rio de Janeiro: Iphan/Ibram, 2007. p. 63-80.

LAROSSA, Jorge. *Linguagem e educação depois de Babel*. Tradução de Cynthia Farina. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

LISPECTOR, Clarice. *A descoberta do mundo (crônicas)*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

LISPECTOR, Clarice. *Água viva*. 1. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2020.

MELLO, Thiago. *Faz escuro, mas eu canto*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. Educação e museus: sedução, riscos e ilusões. *Ciências e Letras (Porto Alegre)*, Porto Alegre, n. 27, p. 91-101, 2000.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. O museu de cidade e a consciência da cidade. In: SANTOS, Afonso Carlos Marques dos; KESSEL, Carlos; GUIMARÃES, Cêça (org.). *Museus e cidades*. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2003, p. 255-282. Livro do Seminário Internacional.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. O museu e a questão do conhecimento. In: GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado; RAMOS, Francisco Régis Lopes. *Futuro do Pretérito: escrita da História e História do Museu*. Fortaleza: Instituto Frei Tito/Expressão Gráfica Editora, 2010. p. 13-33.

OLIVEIRA JUNIOR, Wenceslao. Machado de. *As fotografias e o (re)conhecimento do lugar onde se vive: notas sobre linguagem fotográfica e atlas municipais escolares*. Rio Claro, SP: [s. n.], 2003.

PEREIRA, Júnia Sales. Arbítrio e sensibilidade na aprendizagem histórica atravessada pelos museus. In: CUNHA, Ana Maria de Oliveira et al. *Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 509-528.

PEREIRA, Júnia Sales; CARVALHO, Marcus Vinícius Corrêa. Sentidos dos tempos na relação museu-escola. *Cadernos CEDES (Impresso)*, v. 30, p. 383-396, 2010. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ccedes/a/nbrLPNSNtTz4nq7NrgQ36PM/?format=pdf>. Acesso em: 10 set. 2024.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Sensibilidades: escrita e leitura da alma. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy; LANGUE, Frédérique (org.). *Sensibilidades na história: memórias singulares e identidades sociais*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007. p. 9-22.

PESSOA, Fernando. *Livro do desassossego* - composto por Bernardo Soares, ajudante de guarda-livros na cidade de Lisboa. Organização de Richard Zenith. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

PIMENTEL, Thaís Veloso C. Crônica da revitalização de um museu público: dez anos no MHAB. In: PIMENTEL, Thaís V. C. *Reinventando o MHAB: o Museu e seu novo lugar na cidade – 1993-2003*. MHAB: Belo Horizonte, 2004. p. 13-44.

POSSAMAI, Zita Rosane. Olhares cruzados: interfaces entre História, Educação e Museologia. *Revista Museologia & Interdisciplinaridade*, v. 3, p. 17-32, 2015. Disponível em:
<https://periodicos.unb.br/index.php/museologia/article/view/16692>. Acesso em: 6 set. 2024.

QUINTANA, Mario. *A rua dos cataventos*. 2. ed. São Paulo: Globo, 2005. (Coleção Mario Quintana. Organização, plano de edição, fixação de texto, cronologia e bibliografia Tâmia Franco Carvalhal).
RAMOS, Francisco Régis Lopes. *A danação do objeto: o museu no ensino de história*. Chapecó: Editora Argos, 2004.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. *A escrita do passado em museus históricos*. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. *Corpos de passagem: ensaios sobre a subjetividade contemporânea*. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

SIMAN, Lana Mara de Castro. Memórias sobre a história de uma cidade: a História como labirinto. *Educação em Revista*, n. 47, p. 241-270, jun. 2008. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/edur/a/y5yZrZxLq3bNx35xssjkWCR/abstract/?lang=pt>. Acesso 10 ago. 2024.

SIMAN; Lana Mara Castro; CAMPOS, Edson Nascimento; ANDRADE, João Carlos de. Sentidos do passado no museu: concordância e dissonância de vozes. *Antíteses*, v. 5, n. 10, p. 567-587, jul./dez. 2012. Disponível em:
<https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/antiteses/article/view/13332>. Acesso em: 18 set. 2024.

SILVA, Lucinei Pereira da; SIMAN, Lana Mara de Castro. O Museu da Cidade de Governador Valadares: entre a celebração do passado e o mito do pioneirismo. *Cadernos de Pesquisa do CDHIS*, v. 33, n.1, p. 196–218, 2020. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/cdhis/article/view/55166>. Acesso em: 17 set. 2024.

TEIXEIRA, Inês Assunção de Castro; PÁDUA, Karla Cunha. Virtualidades e alcance da entrevista narrativa. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE PESQUISA (AUTO)BIOGRÁFICA, 2., 2006, Salvador. *Anais [...]*, Salvador, 2006.

Entrevistas

SENA, Renato. *Entrevista Caminhante III*. [abr. 2024]. Entrevistador: Lucinei Pereira da Silva. Belo Horizonte, 2024. 1 arquivo mp3 (54 min.).

BARBOSA, Fabrício. *Entrevista Caminhante I*. [jul. 2023]. Entrevistador: Lucinei Pereira da Silva, Belo Horizonte, 2023. 1 arquivo mp3 (34 min.).

ALMEIDA, Gizele. *Entrevista Caminhante IV*. [maio 2024]. Entrevistador: Lucinei Pereira da Silva. Governador Valadares, 2024. 1 arquivo mp3 (51 min.).

CORRÊA, Bruno. *Entrevista Caminhante V*. [maio 2024]. Entrevistador: Lucinei Pereira da Silva. Governador Valadares, 2024. 1 arquivo mp3 (39 min.).